



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A CRIANÇA CRÊHCHEH: “APRENDENDO A SER GRANDE”

Karilene Costa Fonseca*

Por que uma história da criança? As ciências humanas a partir do século XIX passaram a identificar a criança como sujeito reflexivo do seu cotidiano. Discutindo a partir daí, que a criança não fala como adulto pequeno, mas como criança, descrevendo o seu meio e analisando os fatos sociais (COHN, 2005).

Nos últimos dez anos os antropólogos e historiadores dedicaram-se mais ao estudo da criança, “a concepção de ser criança acerca da visão de mundo”. Tais estudos surgiram de teóricos como, Boas (1942); Áries (1986) e Mead (1973), entre outros que deixaram suas análises.

Com a efervescência do estudo da criança, outros teóricos atentaram a discutir a importância das pesquisas sobre a infância para a sociedade. Surgindo, subsídios teóricos e metodológicos para o estudo da criança, a partir das experiências destes pesquisadores em campo.

* Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2012). Participa do Grupo de Estudos Educação, Cultura e Infância/GECI - CNPq e o Núcleo de Estudos Afro-Indígena de Imperatriz-Ma/Neai, realizou pesquisas sobre a infância das crianças Crêhchteh e com os idosos Crêhchteh, família Timbira e tronco linguístico Macro-Jê.

Com Conh (2005) e Mead (1973), integraram o discurso científico, denotando a criança como sujeito construtor da cultura, passando a infância a ser compreendida como pluricultural. E a mesma tornando-se pelas ciências humanas como sujeito social.

Na década de 1960, com Conh (2005), a infância passou a ser estudada de forma inovadora. De acordo com esta, “os conceitos de cultura na sociedade foram revistos, a partir de sua participação nessa linha de pesquisa”. No entanto, as dificuldades ainda perpetuam no campo da antropologia da criança e história social da infância, mesmo a infância sendo interpretadas pelas ciências sociais como sujeitos pluriculturais. Contudo, ainda são os adultos que falam por elas.

É notória que as pesquisas realizadas com crianças cresceram significativamente, sendo estas, analisadas como sujeitos sociais, todavia, que, ainda são os adultos que afirmam as falas destas, ou seja, contextualizando a infância em todos os grupos culturais como sujeitos não- pluriculturais. Afirmando em suas pesquisas, a infância indígena, urbana e camponesa, como sujeitos idênticos. Mas, é evidente, que cada grupo desta, está agregado em eixos culturais diferentes e tem discernimentos de acordo com o seu meio social.

As crianças devem ser discutidas como protagonistas da sociedade e construtoras do seu cotidiano. Estas não devem ser interpretadas apenas como sujeitos passivos das estruturas sociais (SILVA, 2002).

A antropologia e a história exercem um papel fundamental na discussão do estudo da criança e a influência que estas exercem no seu grupo.

Segundo Silva (2002) a infância deve ser entendida como elo social importante para formação dos status sociais. A mesma acredita que a infância não é algo biológico ou natural nem um universo particular dos seres humanos, mas um componente essencial para afirmação do seu grupo étnico.

A pesquisadora afirma ainda, que as crianças formem as relações sociais e são merecedoras dos estudos, ou seja, que as pesquisas com estas são relevantes, mesmo sem as considerações, perspectivas e interesses dos adultos.

O estudo da infância é raro. Principalmente com as crianças indígenas, alguns escritores salientam que a isenção do pesquisador dentro das aldeias é importante para

democratização das idéias, porque cada cultura tem reflexões acerca da criança e a mesma sobre si (COHN, 2005).

Na perspectiva historiográfica, a análise da infância indígena tem como fundamental intuito, preencher o vácuo das pesquisas humanas, que deixaram por um período indeterminado o espaço da criança indígena destituído. Além disso, pretende-se reconhecer a infância em todos os grupos culturais.

A etnografia é essencial para compreensão da infância, porque estas são sujeitos sem escritas, e os documentos que retratam esses grupos, em sua maioria são os adultos que falam por elas. Portanto, com esta metodologia dar-se voz a criança indígena (SIROTA, 2011).

A história social da infância vem sendo entendida como meio crucial para o entendimento da sociedade. Além do mais, a criança é interpretada não como um adulto pequeno, mas como criança apta para refletir sobre seu status social (NOGUEIRA, 1985).

A história oral contribui para o entendimento da infância indígena, pois, estes grupos foram “esquecidos pelos pesquisadores”, e quando são discutidos, são (re)significados como indivíduos subalternos e inferiores ao “não indígena”, posto que, a história destes, partia da contextualização do invasor. Com a história oral, os grupos tradicionais passaram a ser observados a partir do indígena sobre seu grupo.

Várias são as dificuldades para o estudo da criança, quais? A criança está inserida em todo o contexto social. A infância proporciona o encontro de várias gerações, o encontro do tempo cronológico, o presente e o passado (ARIES, 1986).

A infância indígena vem ocupando um lugar obscuro na história, devido à falta fontes que discutem sobre estas. É quando se encontram os documentos, são os adultos que falam pela infância. Por isso estudar a infância tornou-se prioritário, para que as crianças falem por si e sejam sujeitos (ARIES, 1986).

A CRIANÇA CRÊHCHEH

O grupo Crêhchteh está inserido na família Timbira, antes da colonização no sertão sulmaranhense, esta se formava por 16 grupos étnicos, após o século XX com a expansão agropastoril, foram reduzidos drasticamente, resistindo seis do contato com o colonizador: Pukobyê-(Gavião), Crêhchteh-(Krikati), Apaniekrá-(Canela); Rankokamekrá -(Canela), Krahô; do Maranhão e os Apinayé, Tocantins.

Os Timbira identificam o sujeito como criança, do nascimento aos 14 anos de idade. Aos 8 anos esta entra no período de maturação, e aos 13 anos o indivíduo é encaminhado ao grupo dos jovens, através do ritual de iniciação Wý'tý.

Nas observações participativas, “descrição, catalogação e corpus escritones¹” (MALINOWSKI, 1985), a partir da história oral, questionamos as crianças Crêhchteh, o que é ser criança? De acordo com estas, viver a infância é brincar com os indivíduos do seu status social e relacionar-se com os animais domésticos da aldeia.

Questionamos ainda, quais seriam as brincadeiras praticadas por elas? “Torna-se a preferida entre as crianças, correr pela aldeia, sendo essa brincadeira, uma repetição da corrida de tora, praticada em todos os momentos festivos da aldeia pelos adultos, que, posteriormente serão realizadas por elas. Para Benjamin (1984) se conhece mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira, que um ano de convivência.

Analisamos no discernimento da criança Crêhchteh, que agregar-se ao cotidiano da comunidade e socializar com os demais membros da aldeia² é participar do grupo da infância. Através das brincadeiras as crianças conhecem os indivíduos que fazem parte do seu status social.

Cabe ao ritual de iniciação, tanto o feminino como o masculino inserir a criança nas responsabilidades da comunidade, o encaminhando a assumir as tarefas com o seu grupo étnico.

¹ Corpus inscriptiones é discutido por Malinowski como um conjunto de observações: coleção de asserção, narrativas e palavras (GAMA, 2010).

² Pesquisa em campo, realizada na aldeia São José, novembro de 2011. Este grupo indígena está localizado no sudoeste do Maranhão, cidade de Montes Altos.

O cotidiano da aldeia é preservado pelos guardiões³, e as crianças são afirmadas por estes como sujeitos primórdios para a manutenção das tradições é fundamentais para a história do seu povo.

Nas observações em campo⁴, analisamos o cotidiano do senhor identificado como, velho Tataíra. Denotamos em seu discurso para os demais membros, o reconhecimento da infância para preservação das tradições, pois elas proporcionam (proporcionaram) o contínuo da cultura do povo Crêhchteh. (FONSECA, 2010) ⁵.

Por que a criança Crêhchteh é importante para preservação das tradições? Óbvio, as crianças não são apenas perspectivas para futuro, mas estão latentes no presente. Desde novas são ensinadas a preservarem o seu patrimônio cultural. Criando uma ponte com os mais velhos, significando o respeito e honradez pelas reminiscências dos guardiões e a história indígena.

Os rituais de iniciação indígena, são aprendidos desde pequeno pela criança, através do colo da mãe, sendo este, o primeiro momento de contato com as tradições da comunidade, aprendem na oralidade dos mais velhos, no cotidiano da aldeia e nas brincadeiras de roda, cantaroladas na língua nativa, a importância da preservação de sua cultura (BARROS, 1999).

As crianças Crêhchteh são fundamentais para as tradições, pois mantém um laço privilegiado na formação social do seu grupo, ocupam todos os espaços da aldeia.

RITUAL WÝ'TÝ

Ritual Wý'tý é uma das festas mais importantes da família Timbira, ocorre em intervalos de três a quatro anos, sendo que cada grupo indígena o realiza com suas próprias simbologias, de acordo com a caracterização do seu povo.

³ Os mais velhos são identificados pelos indivíduos da comunidade por guardiões da cultura, tornando-se a biblioteca do conhecimento Crêhchteh.

⁴ Pesquisa em campo realizada em 2010, iniciação científica fomentada pela Fundação de Amparo a pesquisa do Maranhão-FAPEMA.

⁵ Os guardiões mantêm o elo de respeito e preservação da cultura. Oralidade registrada em campo, novembro de 2010.

O Wý'tý é um ritual de iniciação masculino duplo, com a incumbência de trocar dois status sociais, a criança e o jovem: a criança para o grupo dos jovens e o jovem para o grupo de guerreiros. Mas, o entorno deste de trabalho se encaixa sob-análise da criança neste ritual.

Nimuendaju (1946) situa que o Wý'tý se constituiu do mito da família Timbira, citando os Pukobyê-(Gavião), Rankokamekrá-(Canela) e os Apaniekrá-(Canela). No período em que Nimuendaju observou o grupo Pukobyê, os Crêhchteh estavam refugiados no território destes, devido aos terríveis ataques dos criadores de gado às terras Timbira (BARATA 1981).

Com o intuito de fugirem das terríveis ameaças de extermínio pela expansão agro-pastoril, os Crêhchteh resolveram esconder-se por um indeterminado período no território Pukobyê-(Canela). Por isso, antropólogos, historiadores e o próprio povo discutido no texto, concordem que o mito envolva também o ritual Wý'tý Crêhchteh.

O Wý'tý é uma espécie de ritualização de todos os rituais praticados pelos Crêhchteh, em todo o momento a comunidade entrega-se a este ritual, com a máxima que, os valores da comunidade sejam preservados e constituindo pelas crianças.

Todo processo ritual Wý'tý se encaixa em três figuras significativas, os dois jovens e a criança, que são as representações do índio devorado pelas piranhas no mito. Simbolizam a ligação do mundo natural com o sobrenatural. A criança representa o sujeito pintinho, filhote da galinha, e os jovens o gavião, uma ave do cerrado (NIMUENDAJU, 1946).

A partir do momento em que os jovens são escolhidos pela comunidade, estes têm a incumbência de proteger os membros da aldeia contra ataques de não-índigenas. O pintinho tem a missão de permanecer na frente dos gaviões, quando estes precisarem sair da casa gavião para arredores da aldeia, significando a luz que encaminhará os dois jovens pelo caminho do bem.

O ritual Wý'tý torna-se essencial para afirmação da criança na comunidade. No momento em que é responsabilizada a criança o domínio do caminho em que será percorrido pelos gaviões e a liderança da casa destes, os guardiões declaram a esta, a importância do sujeito pintinho na aldeia, reafirmando a infância como sujeito cultural.

Nesse momento a criança cria redes de socialização com todos na comunidade, assumindo a mudança de status social.

O ritual Wý'tý é importante para garantir a mudança de status social da criança, trocando de grupo, “da infância para juventude”, e os dois jovens à vida de guerreiro. São as fases da vida social pelas quais toda criança passará, o nascimento, adolescência, casamento e a morte, vivenciando sempre os dois mundos: profano e sagrado.

Mas afinal, qual a importância do ritual para criança? No momento em que esta é inserida no ritual, a comunidade afirma a participação desta na história do seu povo e na construção da cultura Crêhchteh.

Montessori resumiu a importância da criança para construção do conhecimento e a influência que exerce na sociedade: “É hoje totalmente impossível aprofundar qualquer ramo da Medicina ou da Filosofia, mesmo da Sociologia, sem ter em mente a contribuição que pode dar-lhes o conhecimento da vida infantil” (1979, p.13). Pensando nisso, sabemos o quanto que a cultura indígena influencia nos usos e costumes da cultura brasileira, principalmente a criança Crêhchteh, que afirma a cultura indígena e contribui na [re]construção de uma sociedade pluricultural na região no sul do Maranhão.

O estudo do ritual Wý'tý, e a participação da criança neste, possibilitou novas perspectivas ao estudo da infância indígena, discutindo que a cultura desta e dos adultos não estão em mundos diferentes e não são separadas, estão no mesmo espaço, construindo juntas (COHN, 2005).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN. Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARATA, Maria Helena. **Os Pukobyê e os Kupên: Análise de um Drama**. UNB. Brasília, 1981.

BARROS, Mirtes. **RITUAL WUTU: O grande Ritual Krikati**: Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade Estadual de São Paulo, 1999.

BENJAMIM, Walter. **Intelectualidade e Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo, Summus, 1984.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Tradução Celso Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1942.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**: prefácio de Manuel Correia de Andrade - São Luís, 1992.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org). **A Criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. -São Paulo: Cortez, 2008.

FONSECA, Karilene Costa. **Krikati: Rituais e Oralidade dos Guardiões**: Relatório final de iniciação Científica apresentado na Universidade Estadual do Maranhão, 2010.

FREITAS, de Marcos Cezar (Org). **História Social da Infância no Brasil**. -8. ed.-São Paulo: Cortez, 2011.

GAMA, Dirceu Ribeiro Nogueira. **Revista de Filosofia**, São Paulo, Ano 93, n 829, p.1-5, junho, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arguente e da aventura dos nativos no arquipélago da nova Guiné, Melanésia**. São Paulo: Abril cultural, 1976 [coleção Pensadores], Páris: Suil, 1985.

MEAD, Margaret. **Growing up new Guinea**. New York: Morrow, 1973.

MONTESSORI, Maria. **A criança. Portugal**: Editoria Brasil, 1979.

NIMUENDAJU, Curt Unkel. **The Eastern Timbira**. Berkley & Los Angeles, University of California press, 1946.

NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social: Uma Introdução às suas técnicas**. Editora Companhia Editorial Nacional. São Paulo, 1985.

_____. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos apocúva-guarani**. Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo B, 1883.

PEIRANO, Mariza. **Rituais Ontem e Hoje**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

SILVA, da Aracy Lopes (Org). **Crianças Indígenas: Ensaio Antropológico**. -São Paulo: Global, 2002.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, 2011.